

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Shopping News / SP

Class.: 1224

Data: 15/04/90

Pg.: _____

Índios

Abrigo está em condições precárias

No Centro Especial de Serviços e Assistência ao Índio, só não faltam problemas. Os índios vêm a São Paulo para fazer tratamento médico e ficam hospedados no centro, sendo obrigados a conviver com a superlotação e a falta de alimentos, roupas e medicamentos.

Rose Crespo

O Centro Especial de Serviços e Assistência ao Índio (Cesai) - a antiga Casa do Índio da Fundação Nacional do Índio (Funai) - encontra-se em precárias condições e enfrenta uma séria crise financeira. Criada há mais de 15 anos pelos irmãos Villas-Boas, a instituição funcionava como um escritório de representação das nações indígenas do Xingu. Em 1988, ela foi transformada no Cesai e passou a abrigar os índios de todas as aldeias existentes no País que vêm a São Paulo para tratamentos médicos não oferecidos em outros Estados.

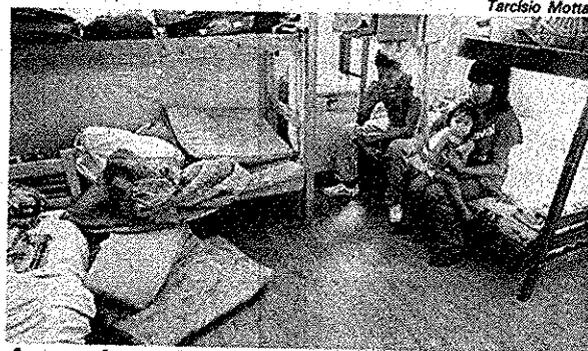
Atualmente, o Cesai localiza-se no Paraíso, zona Sul da Capital. A

casa, ocupada desde 1983, possui apenas 12 cômodos (incluindo cinco quartos e três banheiros, um deles destinado aos 12 funcionários do centro) e constantemente apresenta problemas de superlotação. Com capacidade para 30 pessoas, o Cesai aloja, no momento, mais de 70 índios. Os "hóspedes" e alguns funcionários afirmam que as dificuldades não param por aí. Além de espaço faltam alimentos, roupas, remédios, colchões, funcionários e verbas para a manutenção da casa, que necessita de reformas. "O índio nunca vem sozinho. Ele traz sua família e não há lugar para todos", diz a assistente social, Sônia Maria Zanelato.

Ela acrescenta que a



Os índios sofrem com a falta de alimentos, roupas e colchões



A casa só tem cinco quartos, que chegam a ser ocupados por mais de oito pessoas



João Xavante: "A casa está cheia de baratas e ratos."

verba fornecida pela Funai é insuficiente para as despesas do centro. "Nós temos que comprar as passagens para o transporte dos índios, além dos remédios e a comida. Assim, temos que priorizar alguns itens. Esperamos que com este governo as coisas melhorem", afirma. Na tentativa de minimizar a situação, o Cesai promove campanhas para arrecadar alimentos, roupas, colchões e remédios. As doações devem ser levadas pessoalmente aos índios na rua Apeninos, 912, no Paraíso.

Com relação às condições físicas do sobrado, a assistente social garante que a Funai está procurando um outro imóvel para a instituição.

SUPERLOTAÇÃO

Para o índio pataxó Paulo Titia, que está no local há dois anos para tratamento da coluna, não é fácil superar as dificuldades diárias. "Muitos índios acabam dormindo no chão, outros vão embora e desistem do tratamento. Os quartos são pequenos e oito pessoas dormem no mesmo espaço, sem falar na sujeira", reclama.

ma. "Baratas e ratos não faltam e as índias acabam limpando a casa, lavando as roupas, ajudando na cozinha", completa outra índia pataxó, Maura Rosa Titia.

Atualmente, o centro aloja os índios que necessitam de atendimento médico especializado para doenças como as cardíacas, que exigem a realização de intervenções cirúrgicas. Índios com problemas neurológicos, deficiência mental e câncer também aportam ali. "As mulheres indígenas são vítimas frequentes de câncer no útero e da mama", diz Sônia Zanelato.

Cerca de 80% dos doentes são atendidos no Hospital São Paulo, já que a Escola Paulista de Medicina mantém um convênio com a Funai. As ambulâncias são fornecidas pelo Suds (Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde) e alguns pacientes também são encaminhados para hospitais da rede conveniada do Inamps.

Além de duas enfermeiras, o Cesai possui uma médica, que atualmente está afastada em licença-maternidade.

Não desfruta de muita popularidade entre os hóspedes. "A doutora é muito estúpida com a gente e nunca fica mais de uma hora aqui", denuncia o índio Agnaldo de Melo. Ela não é a única a ser criticada. "Um dia desses, um índio passou mal e acabou sendo socorrido por um visitante, já que o motorista está de férias", acrescenta a índia Maura Rosa.

Paulo Titia queixou-se de fortes dores de dente e disse que o Cesai não se preocupa com a saúde bucal dos índios. Porém, Sônia Zanelato informa que o atendimento odontológico é oferecido nos postos indígenas instalados nas proximidades das aldeias. "Aqui só estamos preocupados com as doenças crônicas, que são encaminhadas aos especialistas", afirma a funcionária do Cesai.

CHOQUE CULTURAL

Para reduzir os efeitos do choque cultural enfrentado pelos índios que chegam a São Paulo, o centro organizou três grupos de trabalho. O primeiro aborda questões relativas à saúde, ao tratamento mé-

dico de cada paciente, tentando evitar a resistência às determinações dos especialistas, principalmente por parte dos índios mais idosos. Além deste grupo, há outro destinado à população feminina. "As índias engravidam muito cedo e, pela incidência de câncer, precisam ser submetidas a exames ginecológicos", explica Sônia Zanelato. O Cesai também tem um núcleo voltado para os alcoólatras. "Infelizmente muitos acabam seguindo este caminho e tornam-se agressivos, dificultando o nosso trabalho", relata.

O índio João Xavante, entretanto, diz que os casos de alcoolismo são raros. Segundo o índio caiapó Xogran, o cacique (chefe da tribo) proíbe o alcoolismo e ninguém ousa desrespeitar sua determinação.

O presidente do Conselho Regional Indígena, Mário Terena, lamenta que eles só sejam lembrados na Semana do Índio. "No Cesai, falta tudo e a administração precisa ser melhorada. O assunto precisa ser encarado de outra maneira pela Funai", desabafa.

"Embaixada" suspende atividades

Apesar de ter sido inaugurada em janeiro deste ano, a Embaixada dos Povos da Floresta - a antiga Casa do Sertanista -, que deverá funcionar como um núcleo de divulgação não só da cultura indígena, mas também dos seringueiros e todos os povos que moram na floresta, ainda não iniciou suas atividades culturais. A casa pertence à

Prefeitura e através de um decreto de permissão de uso, publicado em 1989, passou a ser administrada pela União das Nações Indígenas. Mas sua programação, que tem início em abril, foi adiada por tempo indeterminado em consequência da extinção da Lei Sarney. As três empresas privadas que deveriam financiar todos os projetos da casa por um

ano suspenderam o patrocínio. "A proposta existe, só que não temos dinheiro para realizá-la", lamenta a assessora de imprensa Angela Maria Pappiani.

Com ajuda da iniciativa privada, a Embaixada sofreu uma ampla reforma, mas, agora, necessita de verbas para a contratação de funcionários, compra

de equipamentos e móveis e instalação das oficinas de arte, além da manutenção do local. "Alguns índios da tribo bororo viriam a São Paulo para mostrar sua arte, suas danças, seu artesanato, promovendo um verdadeiro intercâmbio cultural. Mas, por enquanto, não temos como bancar isso", conclui.

(R.C.)